

Pe. Fábio de Melo

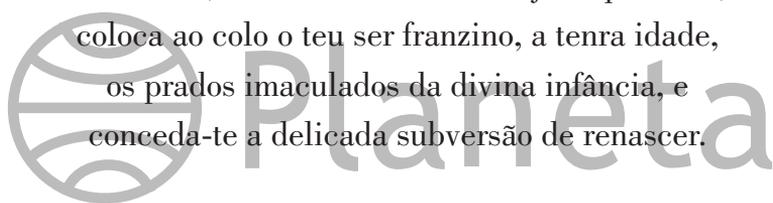
**POR ONDE FOR
O TEU PASSO,
QUE LÁ ESTEJA
O TEU CORAÇÃO**

Um diálogo com a consciência,
a menina interior



Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Bem a sós, recobra teus cuidados já esquecidos,
coloca ao colo o teu ser franzino, a tenra idade,
os prados imaculados da divina infância, e
conceda-te a delicada subversão de renascer.





A menina que nos habita

Há verdades que não nos serão oferecidas pelos outros. Ainda que o despertar inicial seja desencadeado por uma palavra que nos chegue de fora, nascida das circunstâncias e pessoas que compõem nosso íntimo particular, em última instância é do fundo de nossa alma que o esclarecimento emerge, como se um saber oculto, antes privado de respiro, recebesse de poder dizer.

A convicção é o abraço da verdade. É o momento em que recobramos a coerência dos fatos, permitindo que o saber descoberto receba a carne de um viver consciente. Somos verdadeiramente transformados pelo conhecimento que alcançamos depois que ele se transmuda em competência inconsciente, quando pelo mistério da assimilação somos capazes de colocar na dinâmica dos dias o que nos foi oferecido pela reflexão. É a síntese entre coerência lógica e coerência emocional, quando o que pensamos se reflete naturalmente no que sentimos.

A vida que mostramos aos outros é apenas um detalhe da vida que profundamente vivemos. Este livro pretende ser uma palavra inicial de um processo que nunca tem fim. Colocar o coração no mesmo chão por onde andam os nossos passos só é possível quando nos dispomos ao desconforto dos

enfrentamentos diários, quando somos capazes de desconstruir, ainda que simbolicamente, as estruturas que sustentam a face de nossas aparências. Conciliar as solicitações do coração com o caminho por onde vão os nossos pés, carece que retiremos a poeira do costume, das conveniências, dos ruídos que nos privam de ouvir o recado que nos quer dar a alma. Requer enfraquecer o ego, desmenti-lo em suas exigências descabidas, privando-o de prevalecer sobre as reais necessidades do eu. Entre o ego e o eu costuma se estabelecer um abismo. O eu corresponde ao centro do que verdadeiramente somos. O ego corresponde às realidades que cercam nossa verdade. Elas podem nos dizer respeito ou não. O ego é uma espécie de invólucro do eu. Ambos são pilares do mesmo ser, mas com funções distintas. O eu pertence ao mundo de dentro. O ego ao mundo de fora. Lidamos o tempo todo com os dois. Mas nem sempre os ouvimos com a mesma intensidade.

Há tempos tenho compreendido que um ser humano feliz, realizado, é aquele que vive confortável em si mesmo, que labuta diariamente com suas questões, mas desfrutando de uma satisfação íntima, não pública, que arregimenta e alinhava o sentido da vida que vive. Um conforto que antecede as aparências, que não tem rosto, imaterial, pois nasce da certeza de estar vivendo de acordo com as solicitações do coração.

Coração é a metáfora da consciência, o lugar que não aceita os disfarces da futilidade nem tampouco das imposições que não lhe dizem respeito. O coração é o lugar mais puro, água da nascente que ainda não recebeu as influências dos afluentes. Ele é a casa da menina que deste livro será

personagem, a divina consciência, espaço consagrado que não sofre os riscos da profanação. Pode até ser esquecido, considerado, mas nunca profanado. É nele que se hospeda nossa idiossincrasia, verdade pessoal que sobrevive até mesmo quando submetida a atentados e imposições abusivas. Ainda que esmagada pela mesmice social, impedida de conhecer a luz do dia, lá permanece, e dará testemunho de si sempre que convocada pela lucidez. Sobreviverá e resistirá no silêncio, mesmo quando impedida de dizer palavra. Mas, quando reverenciada com o respeito merecido, floresce inteira feito ipê a desafiar as regras do inverno. E, depois de cumprir o tempo da florada, oferecerá um tapete de cores a quem colocar os pés pelos caminhos onde foi plantada. A consciência resguarda a idiossincrasia, a verdade do ser. Do ser ela é o coração, lugar de onde parte o movimento que impulsiona e qualifica a vida. Gosto de imaginar essa consciência menina, mulher em estado de delicadeza, astuta, atenta, forte, criativa, ponderada, assertiva nas palavras. Sempre acreditei que o feminino é o lugar originário da reflexão. O olhar da mulher abrange bem mais que o do homem, pois é burilado pela dinâmica das esperas que cercam sua condição. A mulher é a consciência do mundo. Em todo coração humano, há uma menina que tudo sabe daquele que a hospeda.

Viver sob suas regras será sempre um desafio.

Queiramos.





O coração é o juiz absoluto de toda sentença.

Sobre o que o olhar escolhe olhar

De repente acontece. O olhar muda de foco, passa a obedecer à voz que o desvia, privando-o de ver o dentro de si. Um olhar para fora, quase nunca interior, sempre pronto a ceder às exigências que o apartam de suas reais necessidades. Um olhar viajante, adepto dos caminhos que caminham por fora, desconhecedor das rotundas que podem conduzi-lo ao cerne, aos caminhos de dentro, ao centro do centro, morada do ser.

E então se estabelece no ser o movimento vicioso do autodesconhecimento, um lento processo de despertimento alimentado por uma rotina infecunda, que desencadeia uma incapacidade de reconhecer-se diante do espelho da consciência, forçando o ser ao exílio que o condena a existir sob a sombra de regras alheias, alienantes, estabelecidas por outros, e por ele acatadas sem que antes tenham sido passadas pelo crivo do discernimento do coração. Um ser estranho a si mesmo sob o comando do olhar que escolhe, involuntariamente – porque nunca refletido –, mirar o distante, o que não lhe pertence.

Desse quadro se desdobra a consequência natural. O ser se aleija à medida que intensifica o viver para fora, como se insistisse na edificação de uma casa com inúmeros pavimentos superiores, mas sem o suporte de um alicerce, um conjunto estrutural.

Um ser espoliado, amolgado nos limites do corpo, cansado no corpo, num corpo exaurido, negado em suas regras, num corpo sem espírito, desprovido do sopro que inaugura, sustenta e concede sentido à existência, porque sempre ausente de si, viajando pelos caminhos que não o levam à fonte que o saciaria: o cerne de si.

O olhar pede dinâmica e equilíbrio. De dentro para fora, de fora para dentro. Um ciclo complementar que tem início e término no próprio ser. É essa dinâmica que torna possível o autoconhecimento, a proeza que nos permite saber quem somos e quais são os contextos externos que realmente favorecem nossa consistência pessoal. É do íntimo do olhar que deciframos o mundo, que o percebemos. É do íntimo do olhar que criticamos as circunstâncias que nos envolvem, os pedidos que elas nos fazem, e identificamos os riscos e as possibilidades que nos oferecem.

Mas nem sempre o ciclo acontece. A falta de intimidade com que lidamos com nossas questões, priva-nos cada vez mais do olhar que alcança o profundo de nós mesmos. E então nos acostumamos com as inférteis margens da comodidade, com o olhar viciado que nunca quebra a crosta da mesmice.

Quanto da distância precisamos percorrer para perceber que erramos a rota? É possível quantificar a suportável porcentagem de equívoco a que temos direito e que não incorreria em inviabilização de nossa realização humana? Somos tão naturalmente precários, tão facilmente afeitos aos desvios dos caminhos. Não seria romantizar desonestamente sobre nós mesmos, desconsiderando o barro do qual fomos feitos? Pode

ser. As idealizações são tão prejudiciais quanto a total supressão de metas. Mas há um meio-termo a ser considerado, um caminho do meio que merece a atenção de nosso olhar. Nossa natural aptidão para escolher o que nos mata carece de ser diariamente quarada sob o sol da consciência, o tabernáculo onde a verdade prevalece sem equívocos.

É importante saber que mais cedo ou mais tarde o tribunal se erguerá. Seremos réus e juízes. A cena posta. A pergunta inevitável. Valeu a pena ter vivido? Pergunta e resposta numa mesma boca. Será a repatriação do olhar, aquele que costuma viajar, desejoso de desvendar o estrangeiro. O olhar em sua última viagem, a mais longa, a mais tortuosa, a mais íntima, a mais difícil. A viagem de retorno ao dentro de si.

Um tribunal onde a sentença não pode ser ouvida acompanhado. Sempre em solidão. Como morrer. Nenhuma mão pode nos amparar na derradeira partida. Morrer é sempre solitário. O tribunal é como morrer. Fim de um tempo, de uma época, de uma estação. Fatos que o desencadeiam. Uma perda se estabelece e a cena se põe. Inevitável. A morte do outro nos recorda o que inconscientemente nunca esquecemos: morreremos também. A consciência da finitude se encarrega de erguer o tribunal. E lá ficamos por um tempo, até que o olhar se desvia novamente, adaptando-se ao fato antes incômodo, e volta a se dedicar aos horizontes alheios. Um viver para fora que tão pouco contempla a necessidade que o ser possui de se observar. E novamente a mesmice, o movimento que compromete a qualidade da vida. E depois outra vez o tribunal, fim de

todo o ciclo existencial. A vida se encarrega de perguntar. Mas nem sempre aprendemos. E então retornamos aos processos viciosos e nocivos que o tribunal condenou e nos transformou temporariamente. Mas, por que nos esquecemos tão facilmente dos aprendizados gestados pela sentença recebida? E por que o olhar desaprende de buscar o que é de si? Quando é que se desvirtua, pondo-se em debandada, indo alcançar o fora sem antes ter se ocupado com o dentro? Não sei dizer. O que sei é que a superficialização do mundo tem se tornado uma regra. Respostas prontas, discursos que nos desobrigam de aprofundar os conflitos, fatura de químicas que anestesiaram e adiam soluções, religiosidade que nos infantiliza, desprovida de senso crítico, retorno às superstições, rituais religiosos que nos colocam diante de um deus tão imaturo quanto nós, tudo alinhavando o ser humano à engrenagem de seu despreparo, asfixiando-lhe a alma, espoliando-lhe as riquezas, tal como o colonizador espolia o seu colonizado.

O olhar excessivamente para fora, característica cada vez mais marcante da contemporaneidade, compromete a experiência que o ser humano faz de si. Os hábitos que não incluem a vida interior fazem com que o ser humano permaneça distante de sua consciência, lugar sagrado onde a verdade não aceita disfarces. Em última instância, é ela o nosso crivo final. Somente através dela somos capazes de separar o joio do trigo, os carneiros dos cabritos, os estímulos da morte dos estímulos da vida.

Mas como viver familiarizados com a consciência se ela só pode ser acessada a partir do olhar para dentro, se a ele estamos indispostos?

Alguns já proclamaram o fim da cultura, a total supressão das tradições que nos proporcionam o acesso ao mistério que somos, a substituição de tudo isso pela civilização do espetáculo, pela tendência de reduzir a cultura à condição de entretenimento, socializando, assim, a natural indisposição a todo e qualquer conteúdo que não seja facilmente digerido.

Alguns profetizam que estamos em pleno processo de artificialização do mundo. E nele não há tolerância com os conteúdos que exigem tempo e dedicação. Queremos diversão, entretenimento, disfarces para que a realidade se torne suportável.

Não sabemos precisar quanto dessas opiniões já se aplicam à nossa realidade. O fato é que já percebemos as nefastas consequências dessa indisposição humana ao olhar que carece de calma para acontecer. A pobreza humana se expressa na ausência de valores universais. Valores que só podem ser cultivados mediante a observância da vida interior. A vida virtuosa a que se referia Aristóteles continua sendo um desafio difícil de ser alcançado. A construção das virtudes só é possível sob a luz da consciência. É com ela que descobrimos os imperativos éticos. A partir deles estabelecemos diária labuta contra as forças viciosas e descobrimos as graças dos hábitos que nos tornam virtuosos.

Mas quem poderá nos devolver ao berço da consciência, ao olhar que nos permite abranger e refletir sobre nossas ações? Quem será capaz de nos fazer interferir nos hábitos viciosos que com o tempo se tornam um instrumental favorável à nossa irrealização? Ouso dizer que é a criança que nos

habita, o ser que ainda não foi contaminado pelos excessos da vida adulta, o ser que ainda goza das liberdades do eu, pois ainda não sucumbiu às exigências inescrupulosas do ego, e que ainda consegue identificar, sem as intermediações da hipocrisia, o essencial que carecemos de cultivar. Em todo adulto indeciso há sempre uma criança que sabe o que quer. O desafio é vencer a distância, encurtar os caminhos que os separam, promover o encontro que proporcionará à criança colocar o adulto no eixo de sua verdade pessoal.

Este livro narra um encontro. Do homem com sua consciência. Achei por bem dar um rosto infantil àquela que dialoga com o homem. Nos dois personagens também podemos identificar os dois olhares. O que olha para fora e o que olha para dentro. E, com o encontro, a confluência dos dois. Não há infantilismo na percepção da criança. Pelo contrário. O que temos é a visão que ultrapassa as proteções conceituais adotadas pelo adulto, as mentiras com as quais ele se acostumou para proteger-se de si. Na criança encontramos a instância filosófica, natural, questionadora, capaz de colocar o homem diante de suas escolhas infelizes, cruéis, mostrando-lhe quanto de suas reais necessidades são negligenciadas no estilo de vida assumido.

Na criança encontramos a coragem de desconstruir o que o adulto estabeleceu como proteção e justificativa para sua desumana maneira de portar-se, vivendo para satisfazer as expectativas dos outros, mas sem nunca desenvolver um só centímetro de generosidade. Um viver para os outros que passa ao largo da verdadeira caridade, pois está a serviço da

necessidade de ser reconhecido, invejado, aclamado, sem que todo esse reconhecimento ao menos lhe arranhasse a alma. Um viver para os outros que reforça uma estranha face do egoísmo, em que o outro é um mecanismo de sustentação de uma vaidade que carece de necessitados e carentes para ser mantida.

Um homem apartado de si e uma criança desejosa de repatriá-lo. Essa é a dinâmica desta breve história. Um diálogo interior que dispensa contextualização geográfica. A cena do encontro é um lugar para todos nós. O teor da conversa também não está enclausurado num estreito território de convicções, limitando-se a falar com uns poucos. Não, o teor não é religioso confessional. Esta reflexão antecede qualquer discurso religioso. O teor é meramente humano. O tear de onde nasce esta trama é o coração humano, o lugar onde a vida se espreme para caber e produzir frutos.

De vez em quando é necessário perder as proteções que a vida adulta nos emprestou. É necessário retornar à nudez original, à vulnerabilidade que nos coloca diante das perguntas e dos conflitos que adiamos por puro desrespeito a nós mesmos.

Quanto nos custa ter o que temos? Quanto nos custa ser quem somos? O adulto nunca sabe responder. Ou, se responde, o faz sob as imposições de suas incipientes necessidades de reconhecimento. Responde a partir de um limite emocional que geralmente é motivado por suas carências incuradas e que lhe privam de saber ao certo a resposta a que verdadeiramente poderia chegar. Se quisermos acessar o coração dessa resposta, é preciso cancelar a agenda, afrouxar os nós das gravatas,

dos sapatos, dos vestidos, dos interesses, da comodidade. É preciso desligar o celular, a televisão. É preciso abrir mão das pretensões, das vaidades, dos excessos, e receber a menina consciência em nossa sala de estar.



